

Fórum Social Mundial

A bandeira desfraldada em 2001 está de pé. PÁGINA 2



ATIVIDADES RECOMENDADAS – NÃO PERCA!

PORTO ALEGRE / 25 a 29 de janeiro

Marcha de abertura

25 de janeiro (segunda-feira), 17h
 Concentração no Lago Glênio Peres (vai até o Anfiteatro Por do Sol)
 Haverá um ato show de abertura.

Encontro com Lula e Movimentos Sociais

26 de janeiro (terça-feira), 18h
 Ginásio do Gigantinho.

Avançar nas Mudanças: Programa de Desenvolvimento para o Brasil

27 de janeiro (quarta-feira), 09h
 Cais do Porto, Armazém 06
 Promoção: Fundações Maurício Grabois e Perseu Abramo
 Informações: www.fmauriciograbois.org.br e www.fpabramo.org.br

Seminário Internacional dos 10 anos do FSM

26 a 29 de janeiro (de terça a sexta-feira)
 Pela manhã - Assembléia Legislativa e Armazém do Cais.

Marcha de Encerramento

29 de janeiro (sexta-feira), concentração às 9h
 Anfiteatro Por do Sol (vai até a Usina do Gasômetro, onde ocorrerá a Assembléia dos Movimentos Sociais).

Assembléia do Movimentos Sociais

29 de janeiro (sexta-feira), das 10h às 14h
 Usina do Gasômetro.

SALVADOR / 29 a 31 de janeiro

Encontro com Lula e Movimentos Sociais

30 de janeiro (sábado), 16h
 Hotel Pestana, Fonte do Boi, s/n - Rio Vermelho.

Assembléia de Movimentos Sociais

31 de janeiro (domingo), 14h
 Ginásio dos Bancários, Ladeira dos Aflitos, s/n - Centro.

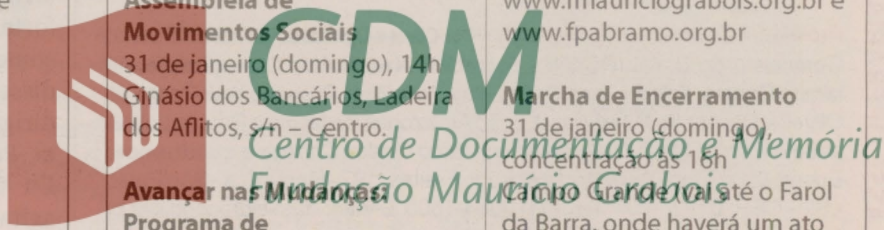
Avançar nas Mudanças: Programa de Desenvolvimento para o Brasil

31 de janeiro (domingo), 14h
 Local a confirmar
 Promoção:

Fundações Maurício Grabois e Perseu Abramo
 Informações: www.fmauriciograbois.org.br e www.fpabramo.org.br

Marcha de Encerramento

31 de janeiro (domingo), concentração às 16h
 Praça Grande até o Farol da Barra, onde haverá um ato show de encerramento)



A bandeira desfraldada em 2001 está de pé

Quando, em 25 de janeiro de 2001, a bandeira que diz "Um outro mundo é possível" foi desfraldada em Porto Alegre (RS), a luta anti-neoliberal teve um avanço decisivo ao juntar milhares de militantes do largo espectro anticapitalista de todo o mundo.

Desde então, todo começo de ano ela bandeira volta a tremular assinalando a rica troca de experiências que marca e aprofunda a resistência dos povos e dos trabalhadores.

O Fórum Social Mundial surgiu como reação ao encontro anual em Davos (Suíça) onde os magnatas mundiais debatem, desde 1971, os rumos da economia mundial.

Ele coroa o protesto popular que cresceu desde meados da década de 1990 contra a globalização neoliberal, como o ocorrido em outubro de 1993 em Bangalore (Índia). O rastilho se espalhou pelo mundo. Em junho de

1999 ocorreram manifestações em todos os continentes contra o FMI e em novembro daquele ano houve um verdadeiro levante em Seattle (EUA) contra uma reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), protesto que se espalhou pelos EUA e outros países.

O Partido Comunista do Brasil orgulha-se da presença permanente e ativa de seus militantes e dirigentes em todas as versões anuais do FSM. Eles participaram de todas as versões, fossem sediadas no Brasil (Porto Alegre e Belém), ou realizadas em outras nações, como ocorreu em Mumbai (Índia), Caracas (Venezuela). Nairobi (Quênia), e no Dia de Mobilização e Ação Global que marcou o FSM descentralizado de 2008. Nelas, fixaram a versão alternativa dos comunistas para o slogan do FSM: "um outro mundo, socialista, é possível". ●



Marcha de abertura em Belém (PA) e em Porto Alegre (abaixo)

A nova luta pelo socialismo

A resistência dos povos põe o neoliberalismo em xeque e exige novos desafios

A crise das experiências socialistas do Leste Europeu e a hegemonia neoliberal das décadas de 1980 e 1990 levaram a uma nova perspectiva na luta pelo socialismo – um sistema social que ainda está na infância, contra o capitalismo envelhecido e senil. O trecho abaixo, que trata da nova luta pelo socialismo, está na página 143 do livro *Idéias e Rumos*, de Renato Rabelo, presidente nacional do Partido Comunista do Brasil.

<< Dialecticamente, a ofensiva das forças contrarrevolucionárias gera um amplo movimento de resistência anti-imperialista dos povos e nações. Apesar da investida e do ambiente conservador não estarem superados, há um renascer de lutas, desde meados da década passada. Reinicia-se, do nosso ponto de vista, objetiva e subjetivamente, um novo período de acumulação estratégica de forças e a retomada da luta revolucionária nas novas condições do século atual. Essa situação é que exige diferentes desafios. Nós denominamos essa fase, essa situação presente, como 'nova luta pelo socialismo'. A necessidade histórica pelo socialismo é mais forte no mundo. O socialismo começa, está na infância, como disse muito bem o histórico dirigente do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal. Eu tenho dito, na forma de agitação, que os ideólogos do capitalismo são geriatras e os



ideólogos do socialismo são pediatras. E é exatamente isso, porque na cena da história se iniciam as experiências socialistas. Estas têm como característica a singularidade de cada país, apresentando-se nesse período histórico como algo híbrido, nessa fase de transição. Com múltiplos componentes econômicos e várias formas de propriedade.

Na transição, é permanente a luta entre o novo e o velho, entre a velha sociedade e a nova sociedade. Fica cada vez mais nítido que a transição pode ser mais tortuosa e difícil quanto mais atrasado for o país e quanto mais adverso for o cenário

mundial em que estás inserido. Essa é uma importante lição retirada da experiência passada.

Portanto, não temos dúvida, cada país conduzido por forças revolucionárias, amantes do socialismo – em fusão com o seu povo, com os trabalhadores – descortinará novo caminho para edificar a sociedade socialista. Essa é a nossa convicção. Não temos dúvidas também em estreitar sempre mais as relações com base no princípio do internacionalismo proletário, nas condições atuais, do mundo. É preciso apoiar aqueles partidos que, no poder, mantêm a perspectiva socialista".>> ●

CHARGE



Obama tenta melhorar a imagem dos EUA

Saiba mais sobre o PCdoB e filie-se:
www.pcdob.org.br

Acesse também o portal da esquerda bem informada
www.vermelho.org.br

EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! **Classe Operária**, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **Secretário Nacional de Comunicação:** Altamiro Borges **Editor:** José Carlos Ruy **Jornalista Responsável:** Pedro de Oliveira **Diretor (In Memoriam):** João Amazonas **Redatoras:** Priscila Lobregatte e Renata Mielli **Diagramação:** Marco Godoy **Charge e quadrinhos:** Edson Dias (Eton) **Contato:** Rua Rego Freitas, 192 - República - São Paulo - SP - CEP: 01220-907 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe

Pimba!

Presença permanente
Desde a primeira edição do FSM, em 2001, o jornal A Classe Operária é presença permanente nos encontros anuais da luta antiglobalização, levando aos participantes a mensagem e a opinião do Partido Comunista do Brasil.

Construindo um novo mundo

Foi assim em 2003, no 3º FSM, quando uma edição especial da Classe foi distribuída aos participantes. Pregando a construção de um mundo novo, ela trouxe a posição

do PCdoB sobre o governo Lula que se iniciava, no texto *Comunistas fortalecem o governo da mudança*. Ao mesmo tempo, denunciou a agressão imperialista dos EUA contra o Iraque.

Um novo mundo socialista é possível

Em 2005 o jornal inovou e publicou sua primeira edição bilingüe (português/inglês) na Classe especial distribuída no 5º FSM, cuja manchete dizia *Um novo mundo socialista é possível*. Foram distribuídos 30 mil exemplares.

Um novo mundo socialista é possível e necessário

Dizendo que a primeira realização do FSM na África mostrava a força do movimento social no continente, a edição bilingüe da Classe distribuída no 7º FSM em Nairobi (Quênia)

voltou a denunciar as pretensões unipolares do imperialismo dos EUA e reafirmou a opção socialista, descrita agora como “possível” e “necessária”.

Os males do capitalismo

O 9º FSM aconteceu em Belém (PA), em 2009, no auge da crise econômica do capitalismo. E lá estava outra vez a Classe, denunciando em português e inglês o genocídio em Gaza, a crise econômica e a devastação ambiental. O capitalismo não serve para a humanidade, acusava sua manchete, reafirmando a necessidade da luta pelo socialismo.



“Se o caminho está difícil de andar, mudemos, pois o modo de caminhar”.

Thiago de Mello, poeta brasileiro

Crise mundial

2009 foi o ano do desemprego? E 2010, será o quê?

A crise é do grande capital, mas quem sofre as conseqüências são os trabalhadores

Mesmo não sendo responsáveis pela crise mundial que se espalhou pelo mundo a partir de Nova York, os trabalhadores são os que mais sofrem suas conseqüências. No começo de 2009, os analistas diziam que aquele seria o ano do desemprego, e que a crise tiraria o trabalho de 239 milhões de pessoas (7,4% do total). E muitos prevêem que 2010 será pior, com um desemprego de 13% (mais de 400 milhões de trabalhadores!). Só nos EUA, foram 600 mil vagas fechadas por mês durante o ano, chegando ao total de 13 milhões de desempregados no final de 2009. ●



Conflitos entre desempregados e polícia em Atenas (Grécia)



Pobreza é violência, diz a faixa nos EUA



Sem teto idosas de NYC pedem ajuda

Recorde de sem-tetos

Um exemplo do custo que o capital impõe aos trabalhadores é o aumento dos sem-tetos nas cidades dos EUA. São trabalhadores que, sem emprego, não puderam mais pagar as presta-

ções de suas casas e foram despejados pela “Justiça” a pedido dos bancos que especularam com a miséria alheia. Enquanto isso, os governos de George Bush e Barack Obama gasta-

ram mais de 1,5 trilhões de dólares para socorrer bancos, instituições financeiras e empresas à beira da falência. E há gente que ainda acredita que o capitalismo pode ser consertado! ●

Na crise, chamem o Estado

A propaganda neoliberal foi campeã em alardear que o Estado precisa ficar fora da economia, deixando sua regulação para o “mercado”. Deu no que deu: sem regras e leis para proteger os trabalhadores e os pequenos investido-

res, a ganância capitalista cavou o buraco que pode engolir a todos. E, na crise, a gritaria foi geral: Estado! Onde está o Estado!

Clamando pelo socorro do governo, deixaram claro a natureza do Estado capitalista:

servir e defender o capital, o grande capital, e seus interesses. O rótulo pode ser neoliberal ou intervencionista – o importante para os grandes financistas é que cumpra seu destino e salve o capital. ●

Mudando o mapa do poder mundial

Outro aspecto da crise precisa ser notado. Pela primeira vez o poder mundial, que nos últimos 250 anos pelo menos foi monopólio da Europa e dos EUA, passa a incluir alguns gigantes do Sul, como a China, o Brasil, a Índia e a África do Sul. São países que não foram tão afetados pela crise como os ricos do Norte (o Brasil foi o primeiro a sair da crise e voltar a crescer). Ganham musculatura em agências, fóruns e conferências mundiais, a liderança do Brasil passou a ser reconhecida e o próprio G-8, grupo que reunia os países mais ricos, foi substituído pelo G-20, que junta aqueles mais os chamados países emergentes. É um novo e importante quadro mundial que vai surgindo

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Para avançar será preciso derrotar a direita em 2010

São programas opostos: a democracia e a soberania, contra o neoliberalismo privatizante e antidemocrático

O ano de 2010 será decisivo para o Brasil. A eleição de outubro indicará o sucessor do presidente Luís Inácio Lula da Silva, governadores, senadores e deputados federais e estaduais.

A disputa não pode ficar apenas na oposição entre nomes, polarizada entre Dilma Rousseff, candidata das forças progressistas e democráticas, e o tucano José Serra, expressão da direita neoliberal. Em outubro o eleitor vai escolher entre dois programas: a continuidade do desenvolvimento e das mudanças, contra a volta ao passado neoliberal, privatizante, antidemocrático e antinacional.

Será uma espécie de tudo ou nada na política nacional. Será preciso, diz o presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, Renato Rabelo, “isolar as forças conservadoras” e “unir as forças progressistas e democráticas” para garantir mudanças mais estruturais para o país. Porque, afirmou, se a direita vencer o “curso político iniciado com a posse de Lula estará barrado”.

Os programas que se enfrentarão são claramente distintos. A direita neoliberal quer limitar os direitos dos trabalhadores, colocar freios à democracia e à luta social, privatizar empresas estatais e serviços públicos, sabotar a integração continental e

subordinar outra vez nosso país ao comando dos EUA.

Desde 2003 a democracia avança, sendo preciso agora consolidar suas conquistas. Há mais trabalho e a renda do povo e dos trabalhadores começou a melhorar, embora a desigualdade social e concentração de renda ainda sejam muito grandes e haja um forte viés conservador na política econômica. O Brasil recuperou sua soberania nacional, é o campeão da integração solidária da América do Sul e tem um novo protagonismo no mundo, deixando para trás a tutela dos EUA. Para garantir estas conquistas e novos avanços “é preciso isolar essas forças



Bolsa-família beneficia quase 20 milhões de pessoas

conservadoras e trabalhamos para que as forças progressistas, democráticas e de esquer-

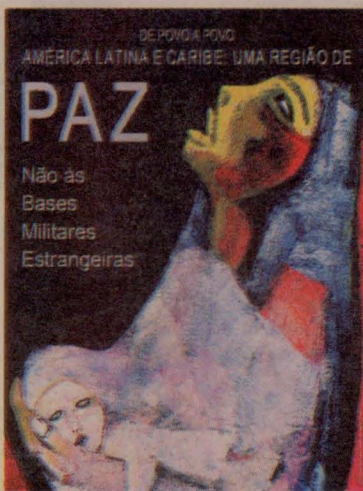
da se unam cada vez mais para defender os interesses do povo”, diz Renato Rabelo. ●

LUTA CONTRA A GUERRA

A América Latina é de paz e anti-imperialista

América Latina é uma região de paz, que luta por seu desenvolvimento, pela eliminação das injustiças sociais, o fortalecimento da democracia e a afirmação da soberania nacional dos países do subcontinente. É uma situação de desafio o imperialismo dos EUA, que responde com uma ameaçadora militarização de aliados como a Colômbia, e com um forte incremento da presença armada. Em 2008 reativou a 4ª Frota e multiplicou o número de bases militares, que chega a 13 – sete delas na Colômbia, entre elas uma a menos de 100 km da fronteira da Amazônia brasileira.

As bases fortalecem a estrutura de poder do imperialismo dos EUA na região, denuncia o Cebrapaz que, em dezembro, lançou a campanha América



Latina é de Paz – Fora Bases Militares Estrangeiras. “Somos um continente rebelde e de paz, que não se dobrará ao imperialismo e a suas políticas de guerra. Vamos às ruas afirmar que a América Latina e Caribe são de paz”, garante a convocatória daquele movimento. ●

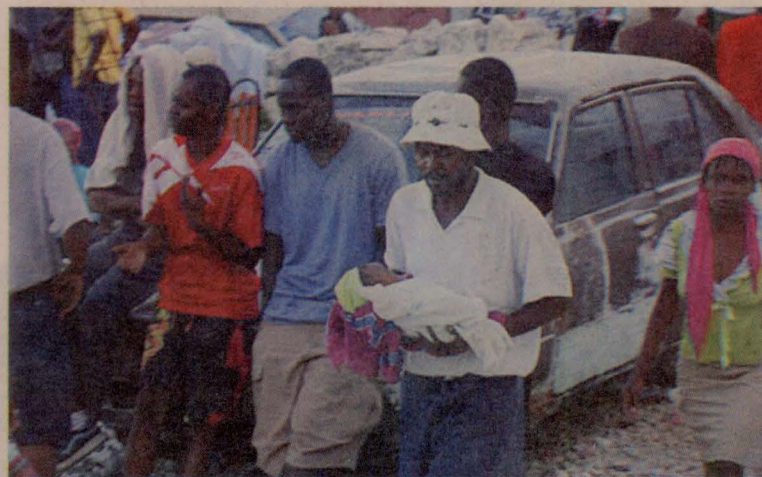
HAITI

Um exemplo cruel da ação do imperialismo

O terremoto que destruiu Porto Príncipe, capital do Haiti, em 12 de janeiro de 2010, com dezenas de milhares de mortos e um número de desabrigados (e despojados de tudo) que passa dos milhões, foi um desastre natural agravado pelas chagas sociais provocadas pelo imperialismo.

O Haiti sofreu, no século XX, várias intervenções diretas dos EUA: ocupação militar desde 1915, apoio à ditadura de Papa Doc e seu filho Baby Doc, de 1957 a 1986, e depois as reformas neoliberais impostas pelo FMI, Banco Mundial e governo dos EUA.

Assim foi desenhado o cenário da catástrofe: empobrecimento e precarização das condições de vida do povo que, hoje, tem cerca de 80% vivendo abaixo da linha da pobreza. Prometeram empregos que



Sufrimento agravado pela pobreza

nunca vieram, promoveram mudanças no campo que arruinaram os pequenos agricultores, provocaram o êxodo rural que inflou de favelas a periferia da capital. O resultado: a pobreza extrema, expressa no PIB per capita de apenas 400 dólares anuais e o 146º lugar

(um dos últimos) no IDH da ONU. E, agora, numa disputa aberta de poder, o governo de Washington faz de tudo para abocanhar o controle da ilha. O que ocorre no Haiti é o exemplo cruel da ação do imperialismo e de seus objetivos militaristas e agressivos contra os povos. ●

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL TERMINOU 2009 COM 251 MIL FILIADOS. VOCÊ QUER ACELERAR AS MUDANÇAS E LUTAR PELO SOCIALISMO? JUNTE-SE A NÓS. SIGA O EXEMPLO DE BRASILEIROS COMO ESTES, QUE FIZERAM A ESCOLHA PELO PROGRESSO SOCIAL



Fidelis Baniwa,
ator e líder indígena da etnia Baniwa da região do Rio Negro, Amazonas

POR QUE SOU PCdoB

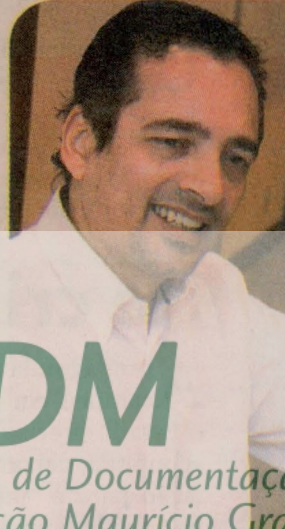
Em minha caminhada política, sentia que precisava de um lugar onde houvesse união e coesão de ideias. E quando conheci o PCdoB, percebi que ali havia esses dois elementos. Como indígena, nasci e cresci numa comunidade em que as pessoas dividiam seus bens e seu conhecimento. Por isso, defendo o que o partido tem colocado: que é preciso uma nação forte rumo ao socialismo porque não vejo outra forma de o mundo ser mais justo se não através deste novo sistema.



Netinho de Paula,
vereador em São Paulo

POR QUE SOU PCdoB

Eu me identifico muito com a história do partido, porque a minha biografia é semelhante. Como o PCdoB, sempre lutei pelo povo da periferia, por aquelas pessoas que estão nos últimos degraus da sociedade.



Protógenes Queiroz,
delegado da Polícia Federal

POR QUE SOU PCdoB

O Partido Comunista do Brasil avançou e cresceu muito. Acredito que nesse processo político é o partido mais vitorioso, um partido que tem o passado que tem, sofreu as perseguições que sofreu, superou erros e tem uma política própria para o Brasil, um país em desenvolvimento, rico, multiétnico, religioso, decente. Esse partido consegue se superar, retirar todas as pedras e os espinhos do caminho e se colocar no cenário nacional aliado a uma proposta de transformação.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois